

Fim da campanha que teve de tudo. Até programas

CARMEM KOZAK

Daqui a três dias, 82 milhões de brasileiros vão às urnas para saciar a fome de voto, depois de um jejum imposto por 29 anos. A decisão não será fácil, afinal, estão na cédula eleitoral 22 nomes que representam desde ilustres figuras da história nacional e políticos do momento, até pessoas totalmente desconhecidas, que se tornaram o folclore da eleição pelas aparições curiosas e polêmicas nos programas do horário gratuito eleitoral. Em meio a tudo isso, o eleitor tem que estar atento para os programas de governo de cada um dos candidatos e tentar eleger, para a disputa do 2º turno, alguém com quem tenha identidade de idéias, ou métodos para governar.

Os programas de governo, em geral, dão um tratamento vago e superficial às questões importantes como: dívida externa, déficit público, recuperação do poder aquisitivo, e retomada do crescimento e combate à inflação. Com a série "O que pensam os presidentiáveis", publicada aos domingos pelo **Jornal de Brasília**, onde 18 temas foram abordados, ficou claro que os candidatos à primeira eleição, após o regime autoritário, prendem-se mais a frases de efeito ou de cunho ideológico, para expressar de que maneira pretendem solucionar os graves problemas do País. Retomada do crescimento e desenvolvimento econômico é o lema unânime de 10 pessoas que anseiam governar o Brasil de 140 milhões de habitantes — sendo 40 milhões vivendo em condições de miséria ou precárias —, com uma produção de alimentos insuficiente para o abastecimento do mercado interno, uma dívida externa que passa dos US\$ 120 bilhões e uma inflação mensal que está pronta para ultrapassar o intolerável índice de 40% mais de 5.400% em 12 meses.

Através das propostas dos candidatos, mesmo que superficiais, não é difícil perceber que eles estão divididos em três grupos: direita, esquerda e centro. Os conservadores vencem em número de representantes: Paulo Maluf, Afif Domingos, Ronaldo Caiado e Affonso Camargo. Na esquerda, Lula e Freire dividem as intenções de voto, apesar das peculiaridades de cada proposta. Mas é no centro que surgem mais divisões. Brizola é o autêntico centro-esquerda e Mário Covas é um progressista que tenta obter a mesma denominação do candidato do PDT. O deputado Ulysses Guimarães é centro mesmo, enquanto que o candidato Collor de Mello, apesar de tentar transparecer progressista, tem propostas de centro-direita.

Independente do mérito das propostas de cada um, Ulysses, Freire, Maluf e Lula conseguem apresentar programas de governo um pouco mais completos do que os demais candidatos. Também não dispensando as frases de efeito e os chavões da política, os quatro têm metas e objetivos que poderão ser facilmente cobrados por seus eleitores, caso sejam os eleitos, por tratarem de índices.

O deputado Luiz Inácio Lula da Silva promete que nos cinco anos de governo o valor do salário mínimo atingirá os índices estabelecidos pelo Dieese, ou seja, cinco salários atuais (aproximadamente NCz\$ 1.800,00 hoje). No mesmo

Durante dois meses
os candidatos foram
a comícios e falaram
à vontade, abusando
das frases de efeito
e exigindo do
eleitor maior atenção
na hora de votar

rumo, Paulo Maluf, do PDS, garante que, se eleito, o salário mínimo terá um aumento imediato e o seu valor passará a ser de NCz\$ 1.000,00 atuais. O candidato comunista, Roberto Freire, fará uma ampla reforma agrária e, para tanto, desapropriará 12 milhões de hectares de terra para assentar 350 mil famílias de trabalhadores rurais. A reforma agrária de Ulysses não tem a área a ser desapropriada, mas o candidato garante que aumentará a produção agrícola de 70 para 100 milhões de toneladas/grãos por ano.

O candidato

Fernando Collor de Mello, do PRN, afirma que contera a crise com um governo "sério" que combaterá a impunidade e enxugará a máquina administrativa. Com isso, acredita que contera a escalada inflacionária e contornará a crise econômica. Leonel Brizola, do PDT, diz que promoverá uma "profunda reforma no modelo econômico que está aí", argumentando que "sem isso, o País não retoma o desenvolvimento".

Calcado no liberalismo, Afif Domingos também não consegue um programa diferenciado, apesar de defender o fim da "interferência do Estado na economia", deixando inclusive a correção dos salários — até o mínimo — por conta da livre negociação. Caiado acredita ser possível resolver até mesmo a estagnação do desenvolvimento industrial do Projeto Celeiro, que é o incremento da atividade agrícola do País. Enquanto isso, Affonso Camargo, do PTB, autor da lei que instituiu o vale-transporte, promete o vale-creche e o vale-almoço para "amenizar a difícil situação" dos assalariados.

Apesar da onda de parlamentarismo que começa a surgir no Congresso Nacional, os candidatos não tratando da questão ao nível de campanha. As exceções são os candidatos do PSDB, Mário Covas, e do PCB, Roberto Freire, que têm em seus programas a adoção do sistema parlamentarista como tese. A diferença entre os dois é que Covas, se eleito, proporá a antecipação para 1990, do plebiscito previsto na Constituição para 1993; enquanto que Roberto Freire afirma que a mudança das regras constitucionais "tem cheiro de golpe".

É para tirar as dúvidas dos eleitores sobre as opiniões dos presidentiáveis que o **Jornal de Brasília** publica hoje um balanço da série "O que pensam os presidentiáveis". Além do currículo político de cada um, é apresentado um resumo das principais propostas de campanha.

